

UM ELEMENTO IMUTÁVEL EM UM MUNDO EM MUDANÇA? ANÁLISE COMPARATIVA DA PRESENÇA DAS MULHERES NA ACADEMIA CONTÁBIL NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

UNCHANGING ELEMENT IN A CHANGING WORLD? A COMPARATIVE ANALYSIS OF THE PRESENCE OF WOMEN IN ACCOUNTING ACADEMY IN BRAZIL AND THE UNITED STATES

¿UN ELEMENTO INCAMBIABLE EN UN MUNDO CAMBIANTE? ANÁLISIS COMPARATIVO DE LA PRESENCIA DE LAS MUJERES EN EL MUNDO ACADÉMICO DE LA CONTABILIDAD EN BRASIL Y ESTADOS UNIDOS

CAMILLA SOUENETA NASCIMENTO NGANGA

Doutora em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Uberlândia – MG.

camillasn@ufu.br

<https://orcid.org/0000-0001-9136-275X>

WILLIAM MARTINS DE GOUVEIA

Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP). Analista de projetos da Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (FUSP) – São Paulo – SP.

willgouveia@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1690-427X>

SILVIA PEREIRA DE CASTRO CASA NOVA

Doutora em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP). Livre-Docente pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular da Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – SP.

silvianova@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-1897-4359>

Recebido em: 25/02/2023 Aceito em: 24/02/2025 Publicado em: 26/12/2025

Resumo

Segundo a literatura sobre mulheres e as relações de trabalho, dois significados diferentes de feminização têm contribuído para uma melhor compreensão acerca de sua presença e permanência no trabalho. O primeiro trata da feminilização, que se refere à análise quantitativa, ou seja, à presença da mulher em algumas ocupações e profissões. O segundo é a feminização, que trata das transformações

sociais dentro de uma profissão ou ocupação em virtude do processo de feminilização. Esta pesquisa analisa a distribuição dos gêneros em cada país em relação ao nível de formação, comparando Brasil e os Estados Unidos. Dessa forma, questionamos se o processo de feminilização está em curso e se impactou um elemento imutável que é a participação das mulheres em uma profissão tida como predominantemente masculina, apesar de um mundo em mudança. A pesquisa considerou a coleta de dados sobre a participação de mulheres e homens em cada nível de formação no período de 2004 a 2018. A análise mostra que nos Estados Unidos houve uma feminilização do doutorado a partir de 2016. No entanto, nos últimos 5 anos, de 2012 a 2016, apenas 43% dos títulos foram obtidos por mulheres. No contexto brasileiro, em contrapartida, é possível identificar uma segmentação vertical da academia de Contabilidade, em decorrência da inversão da participação percentual de homens e mulheres entre graduação e o corpo docente dos programas de pós-graduação. Considerando esses resultados, após a comparação dos contextos investigados, existe a necessidade de implementar ações e políticas que possam garantir a atração e retenção de talentos femininos na academia brasileira de Contabilidade.

Palavras-chave: Feminização; Feminilização; Academia de Contabilidade; Mulheres; Gênero.

Abstract

According to the studies about women and work relations, two different meanings of feminization have been contributing to the better comprehension of their presence and permanence. The first one is feminilization which refers to quantitative analysis related to the women's presence in some occupations and professions. The second is feminization, which deals with social transformations within a profession or occupation due to the feminization process. This research analyzes the distribution of genders in each country in relation to the level of education, comparing Brazil and the United States. In this way, we question whether the process of feminization is ongoing and whether it has impacted an immutable element that is the participation of women in a profession considered predominantly male, despite a changing world. The research considered the collection of data on the participation of women and men in each level of education in the period from 2004 to 2019. The analysis shows that, in the USA, there was a feminization of the doctorate from 2016. However, in the last five years, from 2012 to 2016, only 43% of titles were obtained by women. In the Brazilian context, it is possible to identify a vertical segmentation of the accounting academy, in view of the inversion of the percentage participation of men and women, between graduation and the faculty of postgraduate programs. Considering these results, after comparing both contexts under study, there is a need to implement actions and policies that can guarantee the attraction and retention of female talent in the Brazilian accounting academy.

Keywords: Feminization; Feminilization; Accounting academy; Women; Gender.

Resumen

Según la literatura sobre mujer y relaciones laborales, dos significados diferentes de feminización han contribuido a una mejor comprensión de su presencia y permanencia. El primero trata de la feminización que se refiere al análisis cuantitativo, es decir, la presencia de mujeres en algunas ocupaciones y profesiones. El segundo es la feminización, que trata de las transformaciones sociales dentro de una profesión u ocupación debido al proceso de feminización. Esta investigación analiza la distribución de géneros en cada país en relación al nivel de educación, comparando Brasil y Estados Unidos. De esta manera, cuestionamos si el proceso de feminización está en curso y si ha impactado en un elemento inmutable que es la participación de la mujer en una profesión considerada predominantemente masculina, a pesar de un mundo cambiante. La investigación consideró la recopilación de datos sobre la participación de mujeres y hombres en cada nivel de educación en el período de 2004 a 2019. El análisis muestra que, en los EE. UU., hubo una feminización del doctorado a partir de 2016. Sin embargo, en los últimos cinco años, de 2012 a 2016, solo el 43% de los títulos fueron obtenidos por

mujeres. En el contexto brasileño, es posible identificar una segmentación vertical de la academia de contabilidad, en vista de la inversión del porcentaje de participación de hombres y mujeres, entre la graduación y el profesorado de programas de posgrado. Teniendo en cuenta estos resultados, después de comparar los contextos investigados, existe la necesidad de implementar acciones y políticas que puedan garantizar la atracción y retención del talento femenino en la academia de contabilidad brasileña.

Palabras clave: Feminización; Feminilización; Academia de contabilidad; Mujeres; Género.

1 Introdução

A globalização, as tecnologias modernas e as diferenças geracionais são exemplos de mudanças sociais no mundo ocidental, em que existe uma expectativa de estabilidade no papel social desempenhado pelas mulheres, mesmo em um contexto de frequentes mudanças. Assim, perguntamo-nos: o papel social da mulher no Ocidente é um elemento imutável em um mundo em constante mudança? Considerando as exigências das próprias mulheres e as necessidades de uma sociedade dinâmica, permanentemente pressionada pelo avanço educacional das mulheres, os seus papéis sociais não deveriam ter permanecido estáticos. O acesso das mulheres à educação trouxe implicações significativas para toda a sociedade, mas as mulheres mais educadas ainda não alcançaram o status de igualdade em relação aos homens, dentro ou fora do contexto educacional, fato que foi escrito por Barbara Solomon em 1985 e permanece atual, especialmente no que diz respeito à academia. Nesta pesquisa partimos desse argumento e nos propomos a analisar essa questão, que, ao nos debruçarmos sobre o estudo da presença da mulher na academia, tem imensa relevância social.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) (2016), desde os anos 1990 mais mulheres do que homens completam o ensino superior na maioria dos países do mundo. Levando em conta o Brasil e os Estados Unidos, as semelhanças e diferenças existentes entre os dois países nos últimos 15 anos nos permitem refletir sobre algumas questões ao analisarmos o sistema de ensino superior e suas transformações, destacando o processo de feminização.

Conforme o estudo supracitado (Unesco, 2016), em 77% dos 124 países analisados havia mais mulheres do que homens graduando no ensino superior, incluindo importantes economias americanas, como os Estados Unidos e o Brasil. O estudo de Smith (2017) evidencia que, no contexto da área de ciência, tecnologia, engenharia e matemática, a chamada STEM, apesar da melhoria no acesso ao ensino superior, as mulheres têm menor probabilidade de concluir e continuar a estudar em níveis mais elevados, ingressar no doutorado e seguir uma

carreira acadêmica em muitas áreas de conhecimento. Contexto similar possivelmente deve ser encontrado em outras áreas historicamente predominantemente masculinas, como a área contábil, em que o cenário é ainda mais desafiador, como apontam os estudos de Haynes (2017), Casa Nova (2014, 2022) e Uribe Bohorquez e García Sánchez (2023), em diferentes contextos.

As trajetórias e desafios enfrentados pelas mulheres na Contabilidade foram bem documentadas, incluindo discussões sobre a entrada das mulheres na profissão (Lehman, 1992; Roberts; Coutts, 1992), o fenômeno do teto de vidro e a falta de modelos em posições de liderança (Broadbent; Kirkham, 2008; Casa Nova, 2022; Gammie *et al.*, 2007; Silva, 2016; Souza; Voese; Abas, 2015) e as interações com a maternidade e os conflitos entre trabalho e vida familiar (Casa Nova, 2014; Haynes, 2017; Haynes; Fearfull, 2008). Apesar disso, é possível identificar um aumento significativo da participação das mulheres na profissão contábil.

Nos Estados Unidos, de acordo com o Bureau of Labor Statistics (2019), 61,7% dos contadores e auditores são mulheres. No Brasil, dados do Conselho Federal de Contabilidade (Brasil, 2022), evidenciam que as mulheres são 46% dos profissionais da Contabilidade registrados, e que, comparado com 2004, o número de mulheres registradas como profissionais de Contabilidade aumentou cerca de 161% (Brasil, 2022). Mesmo com o relativo aumento da participação das mulheres, as desigualdades de gênero¹ continuam sendo problemáticas na profissão contábil (Haynes, 2017; Haynes; Fearfull, 2008).

Segundo os estudos sobre mulheres e as relações de trabalho, dois significados diferentes de feminização têm contribuído para uma melhor compreensão desse cenário. A feminilização é um processo que se refere à análise quantitativa da presença da mulher em algumas ocupações e profissões. Por outro lado, a feminização são as transformações sociais dentro de uma profissão ou ocupação que ocorreram devido ao processo de feminilização (Yannoulas, 2011).

¹ A literatura sobre o tema diferencia sexo e gênero. Adotamos “gênero” ao longo do trabalho por entendermos ser o conceito que contempla a construção do papel social atribuído a um corpo sexuado e para não incorrer na incompletude das interpretações biologizantes (ver Scott, 1986). No entanto, as bases de dados utilizadas por vezes referem-se a “sexo”. Assim, quando foi esse o caso, mantivemos a nomenclatura adotada pela fonte pesquisada. Outra limitação encontrada é a de um binarismo sexo/gênero implicitamente vinculando mulher/feminino e homem/masculino e, assim, invisibilizando outras identidades e expressões de gênero. Tampouco havia dados sobre raça/etnia, classe social, ou orientação sexual que permitissem uma análise interseccional.

Em uma revisão considerando 25 anos de pesquisa sobre gênero em Contabilidade, Kathryn Haynes (2017) apontou estudos refletindo sobre a feminização e segmentação na área (Almer; Lightbody; Single, 2012; Bolton; Muzio, 2008; Joyce; Walker, 2015; Khalifa, 2013; Komori, 2008; Lupu, 2012; Nemoto, 2013; Roberts; Coutts, 1992), mas nenhum deles examinou especificamente a academia de Contabilidade.

Em 1992, Jennifer Roberts e J. Andrew Coutts desenvolveram uma pesquisa sobre o processo de feminização e profissionalização da Contabilidade no Reino Unido, considerando que “[um]a análise da feminização das profissões tem muito a contribuir para o debate sobre as mulheres e o trabalho, já que existem muitos fatores únicos relacionados a este processo” (Roberts; Coutts, 1992, p. 379).

Trazendo estes insights e reflexões para a educação contábil, o objetivo deste estudo é analisar a distribuição de homens e mulheres em cada país em relação ao nível de formação, comparando Brasil e Estados Unidos no período de 2005 a 2019, para entender se os processos de feminização e segmentação vertical estão ocorrendo na academia de Contabilidade e refletir sobre seus possíveis impactos. Assim, se a Contabilidade é uma profissão predominantemente masculina no Brasil e nos Estados Unidos, a entrada das mulheres na academia de Contabilidade poderia modificar a estrutura masculinizada da profissão? Esses processos de feminilização e feminização poderiam endereçar os desafios revelados pelos estudos anteriores?

O restante deste artigo está organizado da seguinte forma: a segunda seção traz o referencial teórico sobre gênero, Contabilidade e academia; a terceira seção apresenta a trajetória metodológica; a análise e a discussão dos resultados são apresentadas na quarta seção; e, finalmente, a quinta seção conclui e reflete sobre oportunidades e possibilidades para futuras pesquisas.

2 Referencial teórico

Em primeiro lugar, a teoria que abarca o nosso estudo é a Teoria Feminista, como proposta por Joan Scott em 1986. A Teoria Feminista afirma que o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado na percepção das diferenças sexuais, e considera o gênero como uma das principais formas de dar sentido às relações de poder. Quando pensamos na diferença dos conceitos de gênero e sexo, como proposto pela Teoria Feminista, podemos

afirmar que, enquanto sexo pode ser entendido como uma condição biológica relativamente estável, gênero se refere ao modo como a cultura interpreta e organiza socialmente homens e mulheres, sendo caracterizado pela instabilidade, dadas as mudanças nas relações entre homens e mulheres ao longo do tempo (Yannoulas, 2011).

A conceituação de gênero continua a considerá-lo como binário (masculino e feminino). Na pesquisa mainstream em Contabilidade, o binarismo, com papéis restritivos aos gêneros masculino e feminino, é a regra e implica que seja considerada uma variável binária dicotômica. Isso ocorre mesmo com as distinções evidentes dentro e entre categorias de homens e mulheres, bem como a compreensão do conceito de gênero como efeito das definições sociais e das internalizações do significado de ser homem ou mulher, uma parte central no processo de construção de nossa identidade (Haynes, 2013, 2017).

A construção discursiva de identidades sexualmente diferenciadas está relacionada ao estabelecimento de novas normas de conduta e de espaços específicos para cada sexo como biologicamente determinado. Especialmente desde o século XIX, nas sociedades ocidentais tem havido um esforço para estabelecer identidades sexuais diferenciadas para homens e mulheres em geral (Yannoulas, 2011): “Com base nessa identidade feminina, foi legitimada a discriminação das mulheres, em diversos âmbitos – mercado de trabalho, política, cultura, entre outros –, ainda que, simultaneamente, tenha-se afirmado a igualdade dos seres humanos” (Yannoulas, 2011, p. 275).

Uma importante discussão sobre esse tema é a forma como a noção de trabalho foi moldada e construída pelas relações de gênero. Nas sociedades organizadas pelo capitalismo e pelo patriarcado, a tradicional divisão sexual do trabalho faz do homem o principal responsável pelo trabalho assalariado (dimensão pública) e as tarefas relacionadas à produção doméstica são atribuídas às mulheres (dimensão privada) (Cantera *et al.*, 2009; Connell, 2016; Crompton; Lyonette, 2006; Hartmann, 1981).

As transformações observáveis na atividade profissional das mulheres não foram seguidas por mudanças na forma como o trabalho doméstico é distribuído entre os sexos. Em outras palavras, as transformações na divisão sexual do trabalho não aconteceram na dimensão privada, de modo que a gestão e realização do trabalho doméstico e familiar continua sendo de responsabilidade sobretudo das mulheres (Hirata, 2004).

Poderíamos vislumbrar dois significados diferentes para a divisão sexual do trabalho. O primeiro aspecto são as diferenças na distribuição de mulheres e homens no mercado de trabalho, dentro de profissões e ocupações, assim como as variações espaciais e temporais dessa distribuição. O segundo é a divisão desigual do trabalho doméstico entre homens e mulheres. Além disso, é possível perceber o princípio de separação, em que há trabalho e ocupações entendidos como masculinos e outros como femininos, e o princípio hierárquico, em que o trabalho masculino vale mais que o trabalho feminino (Hirata; Kergoat, 2007).

Connell (2016) aponta que a dimensão pública do trabalho é uma esfera regida por relações de mercado, cálculo e acumulação de lucros, e o mundo do lar e da família é considerado uma esfera caracterizada por relações de dádiva, afeto, serviço pessoal e cuidado. Portanto, não houve apenas uma separação, mas também uma relação emergente entre essas esferas – a esfera doméstica subordinada à esfera pública. A sociedade capitalista moderna é, assim, marcada por uma subordinação estrutural da mulher, e não pelo poder pessoal direto do homem sobre a mulher, individualmente (Connell, 2016).

Silvia Yannoulas (2011, 2013) traz importantes explicações e contribuições sobre o processo de feminização das profissões. Há uma relação intensa entre o acesso massivo das mulheres a uma determinada profissão (feminilização) e a progressiva transformação qualitativa dessa profissão (feminização). Em geral, com a entrada significativa das mulheres em uma determinada profissão ou ocupação, pode-se perceber o declínio de sua remuneração e prestígio social. Assim, ao analisar o processo de feminilização de uma profissão, é importante procurar as razões e a forma como essa mudança ocorreu e seus impactos (feminização) (Yannoulas, 2011, 2013).

A feminilização e a feminização são percebidas como processos inter-relacionados. Ao analisar a presença de homens e mulheres em uma profissão, aspectos quantitativos e qualitativos devem ser considerados, e a feminização inclui e amplia o conceito de feminilização, pois exige um entendimento mais complexo e sofisticado sobre a entrada e permanência das mulheres em uma determinada profissão. Isto é, “[a] feminização propriamente dita refere-se às transformações em um determinado tipo de ocupação, vinculadas à imagem simbólica do feminino predominante na época ou na cultura especificamente analisadas. Essa imagem pode implicar uma mudança no significado da profissão” (Yannoulas, 2011, p. 283).

A feminização das profissões pode ter implicações importantes para a posição das mulheres no mercado de trabalho como um todo: (i) pode melhorar a posição das mulheres, fornecendo modelos a outras mulheres; (ii) pode ajudar a eliminar alguns estereótipos de gênero que contribuíram para a marginalização das mulheres no mercado de trabalho; (iii) da mesma forma, o número crescente de mulheres que ingressam em profissões pode ser percebido como uma ameaça ao status das profissões como um todo (Roberts; Coutts, 1992, p. 380).

Ao refletirmos sobre a Contabilidade como uma profissão dentro desse ambiente de divisão sexual do trabalho, feminização e capitalismo, é importante destacar dois aspectos diferentes: o papel e a conduta da profissão contábil ao refletir as normas das sociedades em que ela opera – Contabilidade como uma instituição generificada, ou seja, produzida por essas relações de gênero –; e o papel da profissão na formação e na influência dessas normas sociais, assim como as posições e práticas de profissionais da contabilidade – Contabilidade como uma instituição generificadora, ou (re)produtora dessas relações de gênero (Haynes, 2017).

Lehman (1992) desenvolveu um importante estudo sobre o assunto, propondo-se a explorar dois temas em relação às mulheres na profissão contábil entre 1910 e 1990. Primeiro, analisou os mecanismos que restringem a entrada e os obstáculos que impedem o avanço das mulheres na Contabilidade. Em seguida, estudou como surgiram diferentes teorias para tentar compreender as mulheres nas hierarquias sociais, contextualizando a construção histórica de profissionais da Contabilidade nessas teorias. Lehman (1992) ressalta três níveis de discriminação contra as mulheres, e documenta como a profissão contábil contribui para esse contexto: negando o direito de entrada das mulheres na área, o que contribui para a privação econômica feminina; por diferenças de práticas e tratamento, indicando hierarquias socioeconômicas – diferenças na progressão na carreira, discrepâncias salariais, entre outras –; e, finalmente, em um nível ideológico, por meio de normas e práticas institucionalizadas que dão suporte à naturalização dos papéis de gênero (Lehman, 1992).

Analisando o ambiente de trabalho em Contabilidade e questões de gênero, Gammie e Whiting (2013), ao estudarem o contexto da Escócia, examinaram se as práticas de trabalho de gênero das empresas de Contabilidade influenciam as mulheres na busca por alternativas de emprego fora do ambiente profissional da Contabilidade. Na tentativa de entender se as mulheres poderiam encontrar um ambiente mais acolhedor fora da área contábil, as autoras aplicaram um questionário a 370 mulheres que faziam parte do Institute of Chartered

Accountants of Scotland, onde 27% eram empregadas por firmas de Contabilidade e 73% tinham empregos fora da área. Além disso, a fim de aprofundar a discussão proposta, também foram realizadas entrevistas com sócios e sócias de várias empresas e com mulheres que deixaram a área de Contabilidade (Gammie; Whiting, 2013). Os resultados do estudo em questão apontaram que o ambiente profissional da Contabilidade continua a apresentar práticas de trabalho generificadas, tais como horários de trabalho extensos, necessidade constante de estar disponível para clientes e incapacidade de valorizar práticas de trabalho flexíveis (Gammie; Whiting, 2013). Além disso, as autoras identificaram que a principal razão para a saída das mulheres da área foi a busca por um trabalho mais interessante, bem como a busca por um melhor ambiente de trabalho e de maior flexibilidade (Gammie; Whiting, 2013).

No Brasil, o estudo de Lemos Júnior, Silveira e Santini (2015) teve como objetivos identificar e compreender como o processo de feminização quantitativa e qualitativa da área contábil é influenciado pelos estereótipos de gênero com base na percepção das mulheres que trabalham em um escritório predominantemente feminino. Elas fizeram pesquisas qualitativas, entrevistando 28 mulheres dentro da profissão contábil. A partir da análise das entrevistas, as autoras descobriram que: (i) as entrevistadas incorporam os estereótipos de gênero e os generalizam como características de sua ocupação (mulheres são cuidadosas, delicadas, fracas, sensíveis etc.); (ii) percebem as mulheres como mais bem preparadas para atender ao público na área contábil, com base também em estereótipos de gênero; (iii) a profissão contábil é associada a características consideradas femininas; e (iv) há a divisão de atividades da profissão entre mulheres (atividades operacionais e administrativas) e homens (atividades analíticas, intelectuais, e de tomada de decisão) (Lemos *et al.*, 2015).

O que poderíamos refletir sobre os achados desses estudos para a academia de Contabilidade? De acordo com Haynes e Fearfull (2008), os dados de estudos na academia em negócios e administração refletem a posição social mais abrangente das mulheres na área de forma mais ampla e na Contabilidade em específico. Acadêmicas e acadêmicos em negócios e administração foram oriundos da, ou já atuaram na, prática real dos negócios. Embora alguns possam ter deixado a prática da Contabilidade e da administração para ingressar no que se espera ser um ambiente de trabalho mais autônomo e igualitário, as normas sociais e culturais predominantemente masculinas dentro dos negócios e da Contabilidade podem estar refletidas na academia (Haynes; Fearfull, 2008).

No contexto brasileiro, Casa Nova (2012, 2014, 2022) afirma que a presença feminina na academia de Contabilidade é pequena e as discussões sobre as mulheres nesses espaços têm sido pouco exploradas. Para ela, esse cenário poderia ser um espaço para fenômenos como a falta de modelos e o teto de vidro, e as mudanças de realidade podem vir de políticas de conscientização e apoio.

Alinhadas a isso, Haynes e Fearfull (2008) refletem que as mulheres acadêmicas na Contabilidade, em negócios e na administração estão trabalhando em um setor com pouca representatividade e em um campo com normas sociais masculinas que podem ser importadas ou refletidas por suas faculdades e área de formação.

Para as mulheres acadêmicas, algumas dessas facetas da academia de negócios e do sucesso podem ser mais difíceis de alcançar, pois, enquanto os homens podem agora desempenhar um papel maior em casa, sua adaptação a esse papel tende a permanecer “atrasada”. Ou seja, eles não absorveram, em geral, uma proporção do trabalho doméstico igual àquela agora realizada pelas mulheres acadêmicas em seus ambientes de trabalho. Assim, as mulheres continuam a suportar uma carga desproporcional de cuidados e responsabilidades domésticas fora do ambiente de trabalho (Haynes; Fearfull, 2008, p. 9, tradução nossa).

Mais recentemente, de acordo com Bernd, Anzilago e Beuren (2017), a presença das mulheres entre estudantes de pós-graduação em Contabilidade no Brasil aumentou, mas ainda há um longo caminho para alcançar a igualdade de gênero em nível nacional. Isso é especialmente relevante se considerarmos que pode levar a oportunidades de trabalho posteriores, ao ingresso de mulheres na carreira docente e a menor desigualdade de gênero nas universidades (Bernd; Anzilago; Beuren, 2017, p. 413). O estudo de Bernd, Anzilago e Beuren (2017) pretende verificar a presença das mulheres entre estudantes de pós-graduação em Contabilidade no Brasil, considerando o período de 2010 a 2016. Analisando os dados fornecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as autoras puderam verificar que, embora as mulheres escolham cada vez mais a pós-graduação e a carreira docente, o número de mulheres que iniciam os estudos de pós-graduação em Contabilidade é menor que o de estudantes homens, e os programas têm uma maioria de homens no corpo docente (cerca de 74%).

O estudo de Fogarty e Zimmerman (2019) analisa a elite acadêmica em Contabilidade nos Estados Unidos partindo do *Accounting Faculty Directory*, anualmente compilado por James R. Hasselback com apoio da *American Accounting Association* (AAA), que identifica

3.980 pessoas que obtiveram o doutorado no período de 1975 a 2012, das quais 1.487 trabalhavam em faculdades e universidades estadunidenses. Dentre estas, 34% eram mulheres.

3 Trajetória metodológica

3.1 Bases de coleta de dados

Os dados vieram de diversas fontes, dependendo do país e de suas características. Um de nossos desafios nesta pesquisa é a mineração de dados de dois bancos muito distintos sobre sistemas de ensino superior: as bases de dados estadunidenses e brasileiras.

A lei brasileira sobre acesso à informação trouxe a transparência, ou seja, a disponibilidade gratuita de dados e informações públicas, o que favoreceu a nossa coleta de dados. Entretanto, a CAPES não disponibilizou dados sobre os títulos de mestrado e doutorado concedidos no período de 2000-2004.

No contexto dos Estados Unidos, embora o banco de dados sobre o cenário do ensino superior fosse mantido pelo *National Center for Education Statistics*, não foi possível obter acesso às informações relativas ao corpo docente de Contabilidade nos cursos de graduação e pós-graduação. Contatamos o *Program Director of the Annual Reports and Information* do *National Center*, que nos informou que não coletava dados sobre docentes de Contabilidade segregados, aconselhando-nos a buscar essas informações nas associações de Contabilidade.

Buscamos os dados na AAA, então disponibilizados em dois relatórios: *Trends in Non-Tenure-Eligible Accounting Faculty, 1993-2004* e *Accounting Faculty in U.S. Colleges and Universities: Status and Trends, 1993-2004*, ambos publicados pela AAA, mas relacionados a um período anterior ao estudado neste artigo. O relatório *Trends in the Supply of Accounting Graduates and the Demand for Public Accounting Recruits*, publicado pelo *American Institute of Certified Public Accountants* (AICPA), levou a informações já disponíveis para nós, e somente sobre estudantes de Contabilidade matriculados nos Estados Unidos.

Essas foram as razões para a definição de nosso período de estudo. Nossa pesquisa considerou a coleta de dados para o período de 2004 a 2018, exatamente devido à disponibilidade de dados para ambos os países, Estados Unidos e Brasil.

No caso dos Estados Unidos, os dados sobre a obtenção de títulos de pós-graduação vieram do *Digest of Education Statistics Data - National Center for Education Statistics* (NCES); os dados sobre o número de programas de pós-graduação, do *Hasselback Directory - A Directory of Accounting Faculty*. É importante notar que o diretório tem dados apenas até 2016. Infelizmente, como explicado anteriormente, não tivemos acesso aberto e fácil às informações sobre os docentes de Contabilidade.

No Brasil, os dados sobre cursos de graduação e docentes de cursos de pós-graduação foram recuperados da Diretoria de Estatísticas Educacionais (Deed) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), solicitados por meio do Sistema Eletrônico de Serviço de Informação ao Cidadão (e-SIC). Os dados sobre mestrados e doutorados e informações sobre docentes de programas de pós-graduação foram obtidos na CAPES, também por meio da plataforma e-SIC (mestrados, doutorados e docentes). Finalmente os dados sobre o número de programas de pós-graduação foram recuperados da plataforma Sucupira, considerando os programas de pós-graduação avaliados e credenciados pela CAPES.

Coletamos e organizamos os dados a fim de estudar números absolutos e porcentagens e, assim, definir se há uma tendência semelhante ou divergente entre os Estados Unidos e o Brasil em relação à participação de homens e mulheres na academia de Contabilidade. O estudo das tendências se refere, portanto, à identificação de padrões evolutivos intra e entre os dois contextos, para refletirmos sobre possíveis explicações e implicações futuras. Quisemos, igualmente, obter um quadro geral em torno dos fenômenos de feminilização e feminização na academia de Contabilidade nesses dois países. Esses fenômenos são investigados pela quantificação em números absolutos e de participação percentual das mulheres, bem como da manutenção ou alteração de sua segregação vertical aos postos iniciais da carreira acadêmica ao longo do tempo nos dois países. As variáveis analisadas são número de ingressantes, matrículas e concluintes dos cursos de graduação, mestrado e doutorado, além de número de vínculos docentes em cursos de graduação, pós-graduação e ao longo da carreira, para homens e mulheres, nos Estados Unidos e Brasil para o período de estudo.

3.2 Recorte e estratégia de análise

É importante justificar nossa decisão na seleção dos Estados Unidos e do Brasil. A nossa intenção é realizar uma pesquisa sobre o contexto brasileiro, mas a comparação com os Estados Unidos é justificada porque é uma referência quando se considera a academia de

Contabilidade (Ribeiro, 2009; Saes, 2022). Conforme detalhado em Ribeiro (2009) e Saes (2022), a partir dos anos 1960 houve uma profunda reformulação no ensino de Contabilidade em uma das escolas influentes no país, a Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), que passou a ser mais notadamente influenciada pela vertente estadunidense, marcada por um forte foco no mercado de capitais. Essa mesma escola foi também a responsável pelos primeiros cursos de mestrado e doutorado no país, nos anos 1970, e, portanto, pela disseminação dessa forma de se fazer e de se entender Contabilidade na academia contábil brasileira.

Assim, nosso objetivo é, com base em dados históricos oficiais quantitativos, analisar os processos de feminização e segmentação vertical na academia de Contabilidade no Brasil e nos Estados Unidos e seus possíveis impactos, considerando – e contrastando – as duas academias nacionais. Além disso, e ainda mais importante, como a Contabilidade tem sido uma profissão predominantemente masculina nos dois países, nosso objetivo é, por meio do estudo desses dados, analisar se a entrada das mulheres na academia de Contabilidade modificou a estrutura masculinizada da profissão e se esse processo de feminização poderia de alguma forma endereçar os desafios documentados nos estudos anteriores sobre a presença e a experiência das mulheres na Contabilidade.

Tentamos adotar uma postura crítica em relação à análise do registro histórico de dados quantitativos. Por isso, em nossa avaliação, estamos conduzindo uma pesquisa quantitativa crítica.

4 Análise de resultados e discussão

4.1 Contexto histórico da pós-graduação em Contabilidade no Brasil e nos Estados Unidos

A academia de Contabilidade dos Estados Unidos começou primeiro, no início dos anos 1930, e se estabeleceu como uma tradição em pesquisa contábil, servindo como modelo para a academia brasileira desde sua constituição, por volta dos anos 1970 (Cunha; Cornachione Júnior; Martins, 2008). A *American Accounting Association* celebrou em 2015 seu centenário e pôs em prática uma discussão sobre a Contabilidade ser uma “profissão erudita”. Assim, para a academia de Contabilidade brasileira, a academia estadunidense é uma referência e um modelo. A associação brasileira comparável à AAA é a Associação Nacional de Programas de

Pós-Graduação em Ciências Contábeis (Anpcont), fundada em 2005, portanto celebrando 10 anos no centenário de sua congênere.

A Anpcont é uma associação sem fins lucrativos que tem o objetivo de apoiar a área de educação, congregando e representando instituições brasileiras de ensino superior que oferecem programas de mestrado e doutorado em Contabilidade. Em comparação com os Estados Unidos e com a AAA, fundada em 1915, concluímos que foram necessários 90 anos para que a academia brasileira de Contabilidade implementasse uma associação que representasse a pesquisa e congregasse os programas de pós-graduação.

O mesmo ocorre quando consideramos as ofertas de programas de pós-graduação em Contabilidade. Nos Estados Unidos, o primeiro título de doutorado em Contabilidade foi conferido em 1922 (Hasselback, 2023). No Brasil, o primeiro programa de doutorado em Contabilidade foi implementado em 1978, e seguiu como o único programa no país até 2007, mas os títulos de doutorado em Contabilidade foram emitidos desde 1958 na Universidade de São Paulo (USP) (Cunha; Cornachione Júnior; Martins, 2008). Portanto, o número de doutores em Contabilidade em ambos os países é bastante diferente: enquanto no Brasil, até 2008, tínhamos 185 doutores em Contabilidade (Miranda, 2011), nos Estados Unidos, antes de 1960 havia 286 doutores e em 2008 os doutores em Contabilidade somavam até 7.109 (Bouillon; Ravenscroft, 2010).

4.2 Cenário da pós-graduação em Contabilidade no Brasil e nos Estados Unidos

O número de programas de pós-graduação no Brasil e nos Estados Unidos oferece um quadro muito diferente. Mostramos na Tabela 1 o número de programas em Contabilidade nos dois países desde o ano de implementação da pós-graduação, sendo 1922 para os Estados Unidos e 1978 no caso do Brasil, e depois para o período de 2007 a 2016.

Tabela 1 – Número de programas de pós-graduação em Contabilidade.

País	1922	1978	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Brasil	0	1	2	3	4	4	4	4	7	10	12	14
Estados Unidos	1	72	89	90	91	91	94	94	94	94	92	95

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

No caso dos Estados Unidos, o número é mantido em torno de 90 programas, variando de 89 em 2007 a 95 em 2016, número estável segundo análise de Miranda (2011). Além disso, quando foi criado o primeiro Programa de Doutorado em Contabilidade no Brasil, em 1978, 72 programas já existiam nos Estados Unidos. Para o Brasil, como parte de uma política que tem sido implementada, o cenário mostra uma enorme expansão a partir de 2007. Os anos 2000 começaram com um programa e chegaram a 14 em 2016, mas o número ainda está distante dos 95 programas dos Estados Unidos. Para ter uma melhor base de comparação, devemos reconhecer uma diferença relevante no funcionamento dos programas de doutorado no Brasil: geralmente, por ano, em um programa se inscrevem entre 10 e 20 pessoas candidatas (CAPES, 2018). Nos Estados Unidos, é normal que anualmente se matriculem não mais do que seis pessoas em cada coorte.

Outras diferenças a serem consideradas: no Brasil, geralmente o bacharelado implica um curso de graduação em Contabilidade com a duração de 4 anos. Na maioria das vezes, a instituição de ensino superior oferece aulas noturnas a estudantes não tradicionais, muitas delas mulheres, trabalhadoras e ingressando na faculdade mais velhas, com 25 anos (Brasil, 2019). Após a conclusão do bacharelado, é necessário inscrever-se no exame de certificação profissional, chamado Exame de Suficiência, realizado pelo Conselho Federal de Contabilidade (CFC). Nos Estados Unidos, usualmente o bacharelado em Contabilidade é composto por um conjunto de cursos de educação geral, como inglês ou história, e cursos específicos, como Contabilidade financeira, Contabilidade de custos, impostos, entre outros. Depois de completar o currículo, é necessário realizar um estágio na área e ser aprovado no exame administrado pela AICPA.

Na área de Contabilidade, o mestrado no Brasil é um programa baseado em pesquisa acadêmica, considerado como um passo prévio para a obtenção do doutorado. Os programas de mestrado são geralmente de 2 anos, sendo o primeiro ano dedicado às disciplinas do curso (obtenção de créditos) e o segundo ano dedicado à realização da pesquisa. O doutorado é um programa de 4 anos também com foco em pesquisa, geralmente com 2 anos de obtenção de créditos, com quase todas as disciplinas obrigatórias, e com ênfase técnica ou profissional. No caso dos Estados Unidos, o mestrado com foco em pesquisa é uma raridade, existente em poucas universidades, sendo a regra o mestrado como uma etapa de preparação

profissional. Já o doutorado é fortemente focado em pesquisa e na preparação para a carreira acadêmica.

Por outro lado, no Brasil e os programas possuem poucas disciplinas, geralmente eletivas, tem foco em pesquisa ou ensino, embora o doutorado seja considerado um nível dedicado à docência e formação de pesquisadores e professores (Dunn; Hooooks; Kohlbeck, 2016; Farias; Araújo, 2016; Laffin; Gomes, 2016; Nganga *et al*, 2016), enquanto que nos EUA, o foco central é a formação para a pesquisa e para a docência. Considerando essa diferença no funcionamento dos programas de doutorado, a Tabela 2 exibe o número absoluto (n) de títulos concedidos a mulheres, de graduação, mestrado e doutorado, e seu respectivo percentual, de 2004 a 2018, para o Brasil e Estados Unidos.

Tabela 2 – Títulos conferidos na educação contábil por percentual de mulheres e nível.

Tabela 2 – Prêmios concedidos às universidades brasileiras, por percentual de docentes e alunos												
Graduação					Mestrado				Doutorado			
Ano	Brasil		Estados Unidos		Brasil		Estados Unidos		Brasil		Estados Unidos	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
2004	12.367	51%	22.006	61%	30	23%	4.737	56%	2	29%	16	35%
2005	14.838	52%	23.130	60%	48	27%	5.420	56%*2	1	6%	26	48%
2006	15.285	52%	24.410	59%	60	40%	5.873	56%*	0	0%	18	43%
2007	14.856	53%	25.084	57%	32	26%	6.259	54%	2	29%	17	45%
2008	17.604	54%	25.464	56%	53	32%	6.653	54%	2	15%	20	49%
2009	19.022	54%*	26.498		51	35%	7.341	54%	6	33%	14	33%
2010	20.861	56%	28.365	54%	60	33%	8.476	54%*	9	50%	12	40%
2011	22.326	58%	28.602	54%	57	31%	9.755	54%	3	17%	13	33%
2012	24.705	59%	28.972	53%	64	38%	10.104	54%	10	30%	22	56%
2013	25.106	60%	28.299	53%	92	38%	10.516	53%	6	29%	22	46%
2014	27.443	60%	27.313	52%	110	45%	10.929	54%	6	24%	17	36%

² *Dados faltantes, replicado o dado do ano anterior

2015	33.432	61%	27.650	52%	120	48%	11.541	54% *	15	38%	24	44%
2016	34.010	62%	27.365	51%	143	49%	11.553	54%	17	33%	27	52%
2017	34.249	62%	27.086	51%	157	47%	11.665	54% *	17	33%	23	53%
2018	32.481	61%	26.875	51%	162	46%	11.792	56%	33	44%	21	55%

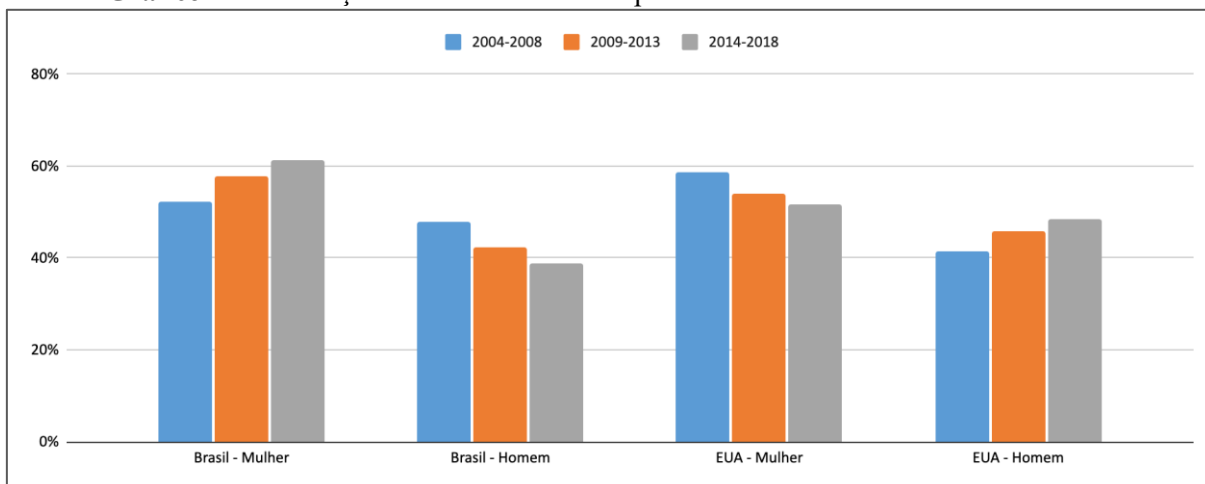
Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Os destaques trazidos pela análise da Tabela 2 mostram que, no Brasil, em 2016, 62% das pessoas que buscavam o diploma de graduação em Contabilidade eram mulheres. Em 2006, nenhuma mulher recebeu o título de doutorado em Contabilidade, mas, em 2010, 50% dos títulos foram conferidos a mulheres (9 de 18). Há uma tendência crescente de mulheres em cursos de mestrado: de 23% em 2004 para 46% em 2018. Esse crescimento pode se refletir na concessão de doutorado para mulheres no futuro. Não obstante, obtenção de títulos de doutorado por mulheres atingiu uma média anual de 30% desde 2011.

Da pesquisa de Casa Nova (2014, 2022) fomos informados de que a primeira mulher com doutorado em Contabilidade no Brasil foi Cecília Akemi Kobata Chinen, em 1987; a primeira professora titular foi Ilse Maria Beuren, em 1998; e a primeira mulher a ser orientadora em um programa de doutorado foi Maisa de Souza Ribeiro, em 1999. A professora Ribeiro foi também a primeira professora titular em Contabilidade da USP em 2010.

Olhando para os dados relacionados aos Estados Unidos, também na Tabela 2, as mulheres foram a maioria dos bacharéis em todo o período, mas com uma participação decrescente: de 61% em 2004 para 51% em 2018. Há também uma tendência de crescimento do ingresso feminino no doutorado quando se analisa o período entre 2012 e 2018. O Gráfico 1 demonstra a participação das mulheres nos cursos de graduação, no Brasil e nos Estados Unidos, em três diferentes períodos: 2004-2008, 2009-2013 e 2014-2018.

Gráfico 1 – Graduação em Contabilidade: diplomas conferidos a mulheres e homens.

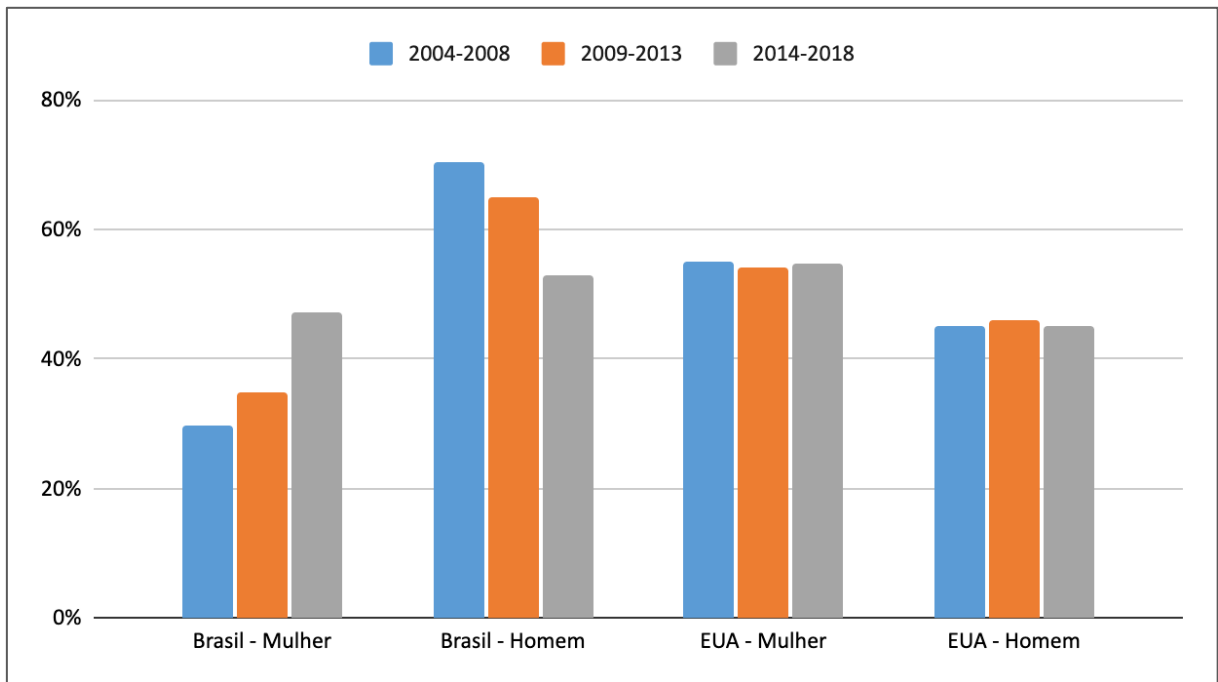


Fonte: Estados Unidos (2019) e Inep (Brasil, 2019).

Analisando o gráfico, concluímos que todos os períodos são marcados pela feminilização dos cursos de graduação, tanto para o Brasil quanto para os Estados Unidos. Assim, em termos quantitativos, a Contabilidade tornou-se uma área predominantemente feminina. Em 2018, 61% dos diplomas de graduação foram obtidos por mulheres no Brasil (Tabela 2). A expansão do sistema de ensino superior no país poderia ser um fator de influência? Segundo o Inep (Brasil, 2001, 2015), em 2000 havia 235 cursos de graduação em Contabilidade, e em 2016 esses números aumentaram para 1.247 cursos. Nos Estados Unidos, no mesmo ano, 51% dos diplomas de graduação foram obtidos por mulheres (Tabela 2), embora, como mencionado anteriormente, houvesse uma diminuição desde 2004. Assim, concluímos que houve uma feminilização do bacharelado em Contabilidade em ambos os países, mas com uma diminuição constante do número de diplomas conferidos às mulheres nos Estados Unidos.

Com relação ao mestrado, o Gráfico 2 demonstra, para os mesmos períodos 2004-2008, 2009-2013 e 2014-2018, diplomas concedidos em Contabilidade a mulheres e homens.

Gráfico 2 – Mestrado em Contabilidade: títulos conferidos a mulheres e homens.

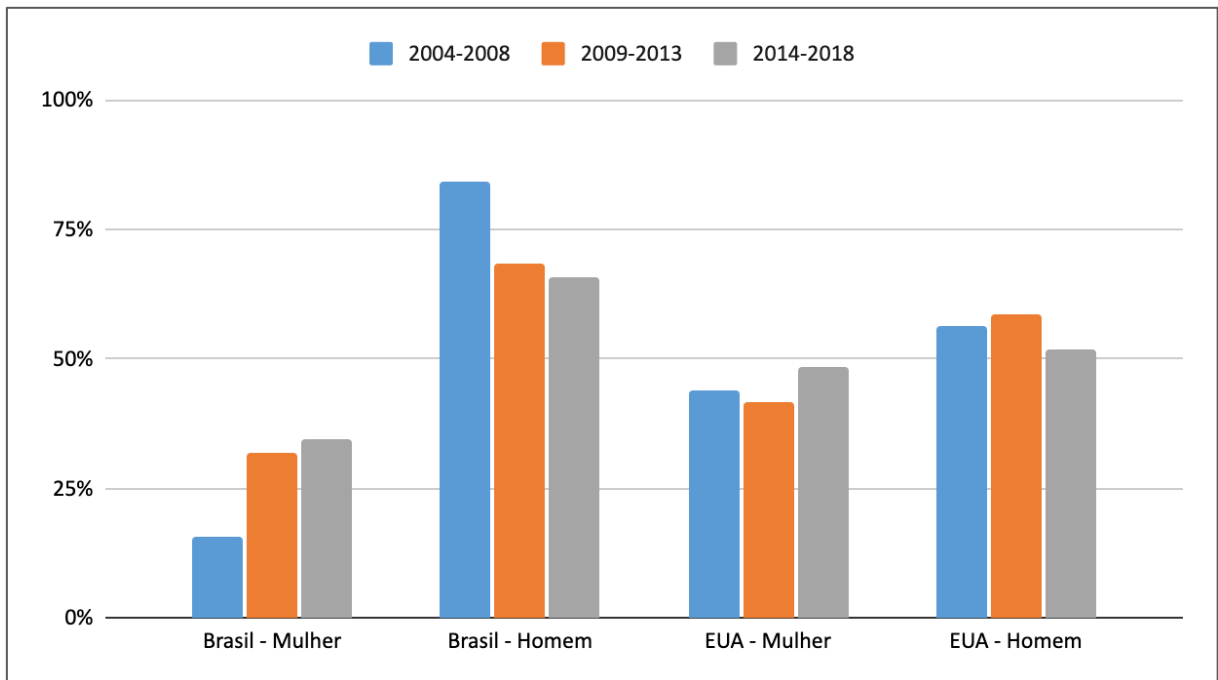


Fonte: Estados Unidos (2019) e Inep (Brasil, 2019).

Podemos perceber um cenário muito diversificado, ainda com um predomínio dos homens no Brasil e uma participação praticamente igualitária entre mulheres e homens nos Estados Unidos, com as primeiras excedendo ligeiramente os segundos. Apesar do predomínio masculino no Brasil, houve um aumento significativo da participação das mulheres, que inicia em 30%, no período 2004-2008, e chega a 47% no período 2014-2018, levando a supor uma tendência à feminilização desse nível educacional em um futuro próximo³. Esses dados também apoiam a expectativa de termos atingido uma massa crítica capaz de trazer as condições necessárias para promover mudanças que assegurem o ingresso, a permanência e a ascensão de mulheres na área (Bratton, 2005). Quanto aos títulos de doutorado, o Gráfico 3, também com os períodos de 2004-2008, 2009-2013 e 2014-2018, apresenta os diplomas concedidos em Contabilidade a mulheres e homens.

³ Infelizmente, no período de 2020-2022 o mundo foi atingido pela pandemia de covid-19, que levou ao isolamento social e confinamento, afetando grandemente a presença e participação das mulheres no mercado de trabalho e na academia, como documentado em diversos estudos. Assim, pode ser que esse futuro próximo tenha sido adiado (Bowyer *et al.*, 2022; Douglas *et al.*, 2022; Staniscuaski *et al.* 2020, 2021).

Gráfico 3 – Doutorado em Contabilidade: títulos conferidos a mulheres e homens.

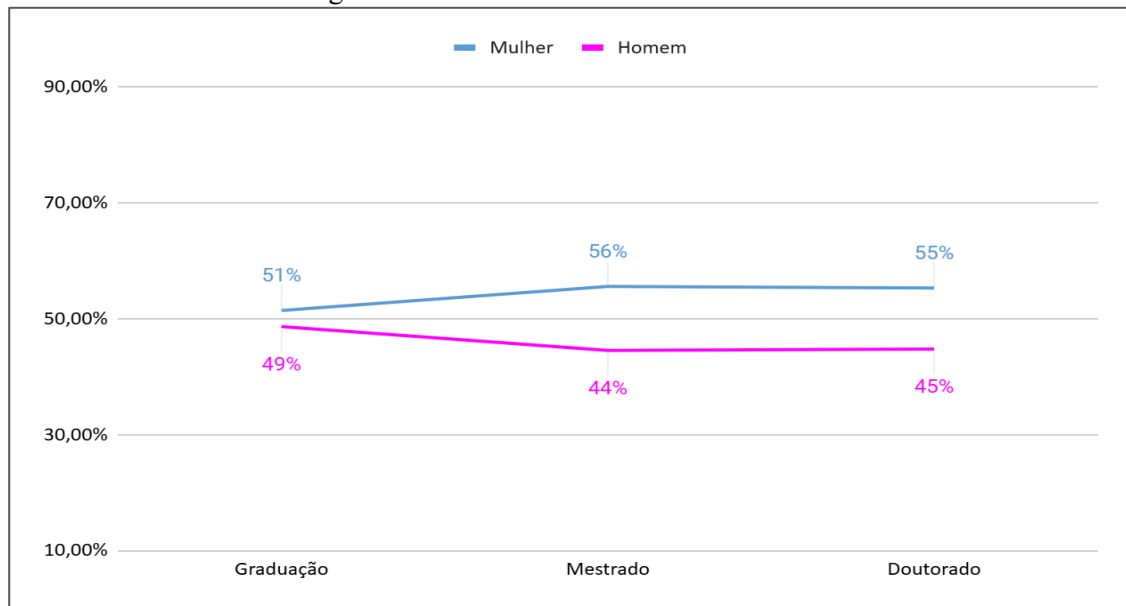


Fonte: Estados Unidos (2019) e Inep (Brasil, 2019).

Na parte direita do gráfico temos os dados para os Estados Unidos e na parte esquerda para o Brasil. Os dados brasileiros mostram novamente uma predominância masculina, mas com uma tendência decrescente. Os dados dos Estados Unidos mostram uma participação relativa muito mais igualmente distribuída. Mas podemos ver que, para ambos os países, no doutorado há uma predominância masculina. Para a realidade brasileira, o estudo de Bernd, Anzilago e Beuren (2017) mostra que, das 451 pessoas inscritas em programas de doutorado em Contabilidade entre 2010 e 2016, cerca de 42% eram do sexo feminino e 58% do masculino. Será que atingimos o teto de vidro, sem assegurar uma massa crítica que pudesse trazer mudanças qualitativas? Ou isso é um sinal de segmentação vertical?

O Gráfico 4 pretende oferecer uma visão geral da academia estadunidense de Contabilidade em 2018.

Gráfico 4 – Visão geral da academia estadunidense de Contabilidade em 2018.

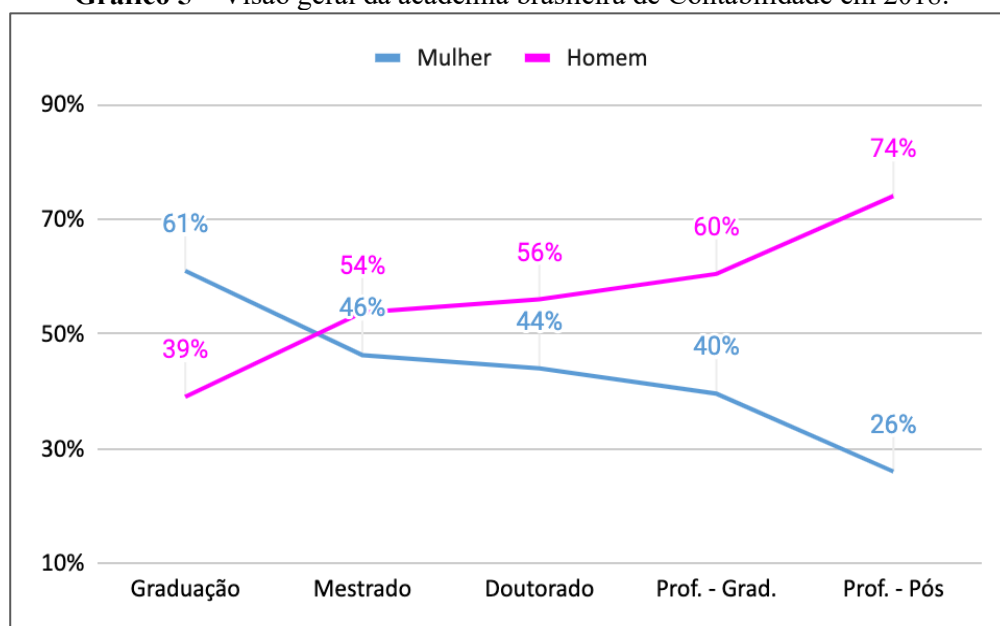


Fonte: Estados Unidos (2019).

Esse gráfico traz um balanço, um retrato, para os três níveis de educação terciária em Contabilidade nos Estados Unidos. Analisando-o, em todos esses três níveis a participação das mulheres é maior do que a dos homens, mas com margens muito próximas.

E no contexto do Brasil? O Gráfico 5 fornece os mesmos dados para a academia brasileira de Contabilidade, acrescentando a participação das mulheres no corpo docente dos programas de graduação e pós-graduação em Contabilidade.

Gráfico 5 – Visão geral da academia brasileira de Contabilidade em 2018.



Fonte: Inep (Brasil, 2019).

Com altos e baixos, vemos que, embora as mulheres sejam a maioria no bacharelado e tenham participação quase igual à dos homens no mestrado, elas são a maioria entre o corpo docente somente nos cursos de graduação, e estavam próximas a 40% no doutorado e no corpo docente de pós-graduação. Esse cenário tem semelhanças com as informações disponíveis no relatório *eAtlas of Gender Inequality in Education*, publicado pela Unesco (Unesco, 2016). De acordo com esse relatório,

Apesar da melhoria do acesso, é menos provável que as mulheres continuem nos níveis de ensino superior e nos campos de pesquisa. Globalmente, o número de mulheres é superior ao de homens no nível de graduação, com homens representando cerca de 47% dos graduados e mulheres representando 53% nos países com dados disponíveis. As mulheres também representam uma proporção maior (54%) dos titulados em nível de mestrado. Porém, para além desse nível, o oposto é verdadeiro – os homens representam 55% dos titulados nos programas de doutorado e 71% de todos os pesquisadores (2016, p. 1, tradução nossa).

Portanto, algumas questões importantes precisam ser abordadas: As mulheres com título de mestrado estão se candidatando a posições como docentes de programas de graduação? Por que o corpo docente dos programas de pós-graduação é predominantemente masculino? Isso ainda é resultado de os homens serem a maioria entre os estudantes de doutorado, então eles são credenciados proporcionalmente em maior número como docentes nos programas de pós-graduação? É uma questão de pipeline ou um problema relacionado ao teto de vidro? Por que ainda são tão poucas as mulheres inscritas nos programas de doutorado? Por que ainda são relativamente poucas as mulheres que fazem parte do corpo docente dos programas de pós-graduação ou que ocupam a posição de professoras titulares na academia em Contabilidade no Brasil? Nossas possíveis respostas são fornecidas pelos antecedentes teóricos que discutimos neste artigo. Por outro lado, recentes estudos apontam um ambiente desafiador para o ingresso e permanência das mulheres nos programas de pós-graduação no Brasil, como o de Lima, Casa Nova e Vendramin (2024), que analisa o sexismo no processo de socialização, ou de Nganga *et al.* (2023), que destaca o conflito vida-trabalho. Ou seja, pode estar em curso um processo inadvertido de expulsão das mulheres da academia. Adicionalmente, como proposto por Silva (2016), a intersecção de marcadores como os de gênero e raça pode impactar a trajetória de mulheres na academia no país, o que tem sido documentado como tetos de vidro ou *stained glass ceilings*, porque são barreiras que se tornam visíveis e concretas em países onde o racismo, ao lado da misoginia, é um dos elementos estruturantes das relações sociais (Silva; Casa Nova, 2024).

Com poucas mulheres, e ainda menos mulheres negras, como docentes nos programas de doutorado e como professoras titulares, faltam modelos para as candidatas potenciais ao doutorado. A pergunta é: como uma mulher que acabou de concluir a graduação em Contabilidade, poderia se ver como mestre ou candidata ao doutorado, se são tão poucas as doutoras formadas e as docentes credenciadas nos programas de pós-graduação? Além disso, ela pode se ver, no futuro, como uma pesquisadora em Contabilidade, como uma professora ou mesmo como uma professora titular? Já como candidata ao doutorado, pode se ver como professora, mesmo não sendo como uma professora de pós-graduação? Como os desafios em termos da divisão sexual do trabalho no serviço doméstico e em termos dos consequentes conflitos entre vida profissional e pessoal-familiar, como mãe, esposa, filha, responsável pelos trabalhos domésticos – sem qualquer pagamento ou reconhecimento compensatório –, serão compreendidos (ou não) por um orientador ou coordenador de programa de pós-graduação que seja um homem, e que não tenha passado pelos mesmos desafios? Então, estaria essa mulher recém-graduada ou concluinte do mestrado, sonhando em ser uma doutoranda? Talvez não!

5 Considerações finais

A análise e a discussão críticas dos dados históricos quantitativos para Brasil e para os Estados Unidos mostram que, considerando a declaração de Solomon (1985), a participação das mulheres na academia em Contabilidade poderia indicar a presença de um elemento imutável em um mundo em constante mudança, apesar dos desafios. O objetivo deste estudo foi analisar se os processos de feminização e segmentação vertical têm ocorrido na academia de Contabilidade e, em caso afirmativo, quais são seus possíveis impactos, considerando – e contrastando – os contextos do Brasil e dos Estados Unidos.

Tendo em vista os fenômenos de feminilização, como o acesso massivo das mulheres a uma determinada profissão, e feminização, que é a progressiva transformação qualitativa dessa profissão, nossa análise indicou que temos sinais de feminilização na academia em Contabilidade, porém, no Brasil, considerando apenas os cursos de graduação e de mestrado. Portanto, estamos diante, neste país, de uma mudança no perfil discente, trazendo mais diversidade de gênero para as salas de aula. Entretanto, para afirmarmos que está em curso uma mudança qualitativa na academia em Contabilidade, precisamos de mais: precisamos de evidências que apontem para uma feminização em resposta às transformações e movimentos

sociais, para que a academia em Contabilidade possa acolher essas mulheres e garantir sua permanência e ascensão.

Assim, no contexto brasileiro, é possível identificar uma segmentação vertical da academia em Contabilidade, tendo em vista a inversão entre a participação proporcional de homens e mulheres, desde a graduação e mestrado até a participação no corpo docente dos programas de pós-graduação. Há um apelo para ações e políticas que possam garantir a atração e retenção de talentos femininos para a academia em Contabilidade.

Os dados dos Estados Unidos demonstram uma participação relativa mais igualmente distribuída entre homens e mulheres para todos os níveis, graduação, mestrado e doutorado. Além disso, houve uma feminilização do doutorado a partir de 2016. Não podemos afirmar se será uma tendência ou apenas um ano atípico, uma vez que de 2012 a 2016 apenas 43% dos títulos de doutorado foram obtidos por mulheres. Não há dados sobre a distribuição de homens e mulheres no corpo docente dos programas de graduação e de pós-graduação para esse país.

Assim, pode-se concluir que, para ambos os países, no doutorado há ainda uma predominância masculina. Ressalta-se ainda que o período mais recente, posterior ao recorte de dados da pesquisa, foi impactado fortemente pela pandemia, pode ter afetado diferentemente homens e mulheres, em virtude da divisão sexual do trabalho doméstico. Esse ponto deve ser estudado em trabalhos futuros, interessados em investigar mais profundamente o período pandêmico e sua influência no tema aqui abordado, mas já há estudos que apontam que as mulheres e outras minorias foram profundamente afetadas pela pandemia por estarem socialmente mais envolvidas no trabalho do cuidado.

Como limitação deste estudo está a disponibilidade de dados oficiais que consideram apenas informações sobre mulheres e homens, tão indicativo ainda do binarismo (feminino/mulher e masculino/homem) e reproduzindo talvez uma visão atrelada ao sexo biológico. Concordamos com a definição de gênero da Haynes (2017 p. 112, tradução própria): “Gênero é a organização e construção social da diferença sexual, e estudos que exploram esta diferença tendem a abordar a posição relacional de homens e mulheres, ou as relações entre diferentes tipos de mulheres e os homens”⁴. Além disso, a análise dos dados considerou apenas

⁴ No original em inglês: “Gender is the organisation and social construction of sexual difference, and studies which explore this difference tend to address the relational position of men and women, or relations between different types of women and men themselves”.

os aspectos quantitativos (ou numéricos) da feminização e da feminilização. Portanto, para pesquisas futuras será importante trazer a riqueza da análise e interpretação qualitativa, que poderia levar a uma melhor compreensão dos impactos, em termos de experiências, do processo de feminização e feminilização da academia em Contabilidade no Brasil e nos Estados Unidos.

Referências

- ALMER, E. D.; LIGHTBODY, M. G.; SINGLE, L. E. Successful promotion or segregation to partnership? An examination of the “post-senior manager” in public accounting and the implications for women’s careers. **Accounting Forum**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 122-133, 2012.
- BERND, D. C.; ANZILAGO, M.; BEUREN, I. M. Presence of female gender among accounting graduate students in Brazil. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Brasília, DF, v. 11, n. 4, p. 396-417, 2017.
- BOLTON, S.; MUZIO, D. The paradoxical processes of feminization in the professions: the case of established, aspiring, and semi-professions. **Work, Employment and Society**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 281-299, 2008.
- BOUILLON, M.; RAVENSCROFT, S. Undergraduate preparation and dissertation methodologies of accounting PhDs over the past 40 years. **Global Perspectives on Accounting Education**, [s. l.], v. 7, p. 19-29, 2010.
- BOWYER, Dorothea *et al.* Academic mothers, professional identity and COVID-19: feminist reflections on career cycles, progression and practice. **Gender, Work & Organization**, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 309-341, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Plataforma Sucupira**. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 15 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Diretoria de Estatística Educacionais. **Censo da educação superior 2013: resumo técnico**. Brasília, DF: INEP, 2015. Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2013.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse estatística da educação superior 2000**. Brasília, DF: INEP, 2001. Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/censo/2000/Superior/sinopse_superior-2000.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse estatística da educação superior 2019**. Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-superior>. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Previdência Social. Conselho Federal de Contabilidade. Vice-Presidência de Registro. Coordenadoria de Registro. **Profissionais ativos nos conselhos regionais de Contabilidade agrupados por gênero**, 2024. Disponível em: <https://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConsultaPorRegiao.aspx?Tipo=0>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRATTON, K. A. Critical mass theory revisited: the behavior and success of token women in state legislatures. **Politics & Gender**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 97-125, 2005.

BROADBENT, J.; KIRKHAM, L. Glass ceilings, glass cliffs or new worlds? Re-visitations of gender and accounting. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, [s. l.], v. 21, n. 4, p. 465-473, 2008.

BUREAU OF LABOR STATISTICS. **Women in the labor force: a databook**. Disponível em: <https://www.bls.gov/opub/reports/womens-databook/2020/>. Acesso em: 15 out. 2025.

CANTERA, L. M. *et al.* Work, family, and gender: elements for a theory of work-family balance. **The Spanish Journal of Psychology**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 641-647, 2009.

CASA NOVA, S. P. de C. Impactos de mestrados especiais em Contabilidade na trajetória de seus egressos: um olhar especial para gênero. **Revista Contabilidade e Controladoria**, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 37-62, 2012.

CASA NOVA, S. P. de C. **Contabilidade das mulheres na universidade brasileira: lucros e perdas, ingresso e permanência**. 2014. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CASA NOVA, S. P. de C. “Ridin’ down the highway” – reflections on the trajectories of women professors in academia. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 47-62, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Quantos Somos? Profissionais ativos nos conselhos regionais de Contabilidade agrupados por gênero**. Disponível em: <https://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConsultaPorRegiao.aspx?Tipo=0>. Acesso em: 15 out. 2025.

CONNELL, R. W. A really good husband: work-life balance, gender equity, and social change. **Australian Journal of Social Issues**, [s. l.], v. 40, n. 3, p. 369-383, 2016.

CROMPTON, R.; LYONETTE, C. Work-life “balance” in Europe. **Acta Sociologica**, [s. l.], v. 49, n. 4, p. 379-393, 2006.

CUNHA, J. V. A.; CORNACHIONE JÚNIOR, E. B.; MARTINS, G. A. Pós-graduação: o curso de doutorado em ciências contábeis da FEA/USP. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 19, n. 48, 2008.

DOUGLAS, H. M. *et al.* Disproportionate impacts of COVID-19 on marginalized and minoritized early-career academic scientists. **PloS One**, [s. l.], v. 17, n. 9, e0274278, 2022.

DUNN, K. A.; HOOOKS, K. L.; KOHLBECK, M. J. Preparing future accounting faculty members to teach. **Issues in Accounting Education**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 155-170, 2016.

ESTADOS UNIDOS. National Center for Education Statistics. **Digest of education statistics**. List of 2019 Digest Tables. 2019. Disponível em: https://nces.ed.gov/programs/digest/2019menu_tables.asp. Acesso em: 18 set. 2025.

FARIAS, R., S.; ARAÚJO, A., M., P. Percepção dos professores de Contabilidade quanto aos espaços formativos para o ofício da docência no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 58-70, 2016.

FOGARTY, T. J.; ZIMMERMAN, A. Few are called, fewer are chosen: elite reproduction in U.S. academic accounting. **Critical Perspectives on Accounting**, [s. l.], v. 60, p. 1-17, 2019.

GAMMIE, E.; WHITING, R. Women accountants: is the grass greener outside the profession? **The British Accounting Review**, [s. l.], v. 45, n. 2, p. 83-98, 2013.

GAMMIE, E. *et al.* **Women of ICAS reaching the top: the demise of the glass ceiling**. Edinburgh: The Institute of Chartered Accountants of Scotland, 2007.

HARTMANN, H. I. The family as the locus of gender, class, and political struggle: the case of domestic labor. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, Boston, v. 6, n. 3, p. 366-394, 1981.

HASSELBACK, J. R. **Schools offering doctorates or concentrations in accounting**. 2023. Disponível em: <http://www.jrhasselback.com/AtgDoct/XDocChrt.pdf>. Acesso em: 18 set. 2025.

HAYNES, K. Accounting as gendering and gendered: a review of 25 years of critical accounting research on gender. **Critical Perspectives on Accounting**, [s. l.], v. 43, p. 110-124, 2017.

HAYNES, K. Sexuality and sexual symbolism as processes of gender identity formation: an autoethnography from an accounting firm. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 374-398, 2013.

HAYNES, K.; FEARFULL, A. Exploring ourselves: exploiting and resisting gendered identities of women academics in accounting and management. **Pacific Accounting Review**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 185-204, 2008.

HIRATA, H. Trabalho doméstico: um servidão “voluntária”? In: GODINHO, T.; SILVEIRA, M. L. (eds.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004. p. 43-54.

- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.
- JOYCE, Y.; WALKER, S. P. Gender essentialism and occupational segregation in insolvency practice. **Accounting, Organizations and Society**, [s. l.], v. 40, p. 41-60, 2015.
- KHALIFA, R. Intra-professional hierarchies: the gendering of accounting specialisms in UK accountancy. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, [s. l.], v. 26, n. 8, p. 1212-1245, 2013.
- KOMORI, N. Towards the feminization of accounting practice: lessons from the experiences of Japanese women in the accounting profession. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, [s. l.], v. 21, n. 4, p. 507-538, 2008.
- LAFFIN, M.; GOMES, S. M. S. DA. Accounting professors' pedagogical training: the topic under discussion. **Education Policy Analysis Archives**, [s. l.], v. 24, p. 77, p. 1-27, 2016.
- LEHMAN, C. R. "Herstory" in accounting: the first eighty years. **Accounting, Organizations and Society**, [s. l.], v. 17, n. 3-4, p. 261-285, 1992.
- LEMONS JÚNIOR, L. C.; SILVEIRA, N. S. P. da; SANTINI, R. B. A feminização da área contábil: um estudo qualitativo básico. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Brasília, DF, v. 9, n. 1, p. 64-83, 2015.
- LIMA, J. P. R. de; CASA NOVA, S. P. de C.; VENDRAMIN, E. de O. Sexist academic socialization and feminist resistance: (de)constructing women's (dis)placement in Brazilian accounting academia. **Critical Perspectives on Accounting**, [s. l.], v. 99, 102600, 2024.
- LUPU, I. Approved routes and alternative paths: the construction of women's careers in large accounting firms. Evidence from the French Big Four. **Critical Perspectives on Accounting**, [s. l.], v. 23, n. 4-5, p. 351-369, 2012.
- MIRANDA, G. J. **Relações entre as qualificações do professor e o desempenho discente nos cursos de graduação em Contabilidade no Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- National Center for Education Statistics (NCES). **Digest of education statistics**. Disponível em: <https://nces.ed.gov/programs/digest/>. Acesso em: 18 set. 2025.
- NEMOTO, K. When culture resists progress: masculine organizational culture and its impacts on the vertical segregation of women in Japanese companies. **Work, Employment and Society**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 153-169, 2013.
- NGANGA, C. S. N. *et al.* Mestres e doutores em Contabilidade no Brasil: uma análise dos componentes pedagógicos de sua formação inicial. **REICE – Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, Espanha, v. 14, n. 1, p. 83-99, 2016.

NGANGA, C. S. N. *et al.* “There’s so Much life out there!” work-life conflict, women and accounting graduate programs. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, [s. l.], v. 27, n. 2, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIAS E A CULTURA (UNESCO). **Unesco e Atlas of gender inequality in education**. 2016. Disponível em: <https://tellmaps.com/uis/gender/#!/tellmap/79054752/6>. Acesso em: 18 set. 2025.

RIBEIRO, S. L. S. **Contando história: o Departamento de Contabilidade e Atuária- FEA/USP entre números e palavras**. São Paulo: D’Escrever, 2009.

ROBERTS, J.; COUTTS, J. A. Feminization and professionalization: a review of an emerging literature on the development of accounting in the United Kingdom. **Accounting, Organizations and Society**, [s. l.], v. 17, n. 3-4, p. 379-395, 1992.

SAES, A. M. **FEA USP 75 anos: a história da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo nos anos 1981-2021**. São Paulo: Narrativa Um, 2022.

SCOTT, J. W. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, [s. l.], v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SILVA, S. M. C. D. **Tetos de vitrais: gênero e raça na Contabilidade no Brasil**. 2016. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, S. M. C.; CASA NOVA, S. P. C. Stained glass ceilings: gender and race in accounting academia in Brazil. **Gender, Work & Organization**, [s. l.], v. 32, n. 3, p. 1263-1288, 2024.

SMITH, D. G. Progress and paradox for women in US higher education. **Studies in Higher Education**, [s. l.], v. 42, n. 4, p. 812-822, 2017.

SOLOMON, B. M. **In the company of educated women: a history of women and higher education in America**. Yale: Imprensa Universitária, 1985.

SOUZA, F. M. de; VOESE, S. B.; ABBAS, K. Mulheres no topo: as contadoras paranaenses estão rompendo o glass ceiling? **Advances in Scientific & Applied Accounting**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 244-270, 2015.

STANISCUASKI, F. *et al.* Impact of COVID-19 on academic mothers. **Science**, Washington, DC, v. 368, n. 6492, p. 724-724, 2020.

STANISCUASKI, F. *et al.* Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], v. 12, 663252, 2021.

URIBE BOHORQUEZ, M. V. U.; GARCÍA SÁNCHEZ, I. M. Women in accounting: a historical review of obstacles and drivers on a patriarchal and classist path. **Revista de Contabilidad-Spanish Accounting Review**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 241-254, 2023

YANNOULAS, S. C. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Vitória, v. 11, n. 22, p. 271-292, 2011.

YANNOULAS, S. C. Sobre o que nós, mulheres, fazemos. *In*: YANNOULAS, S. C. (org.). **Trabalhadoras**: análise da feminilização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 31-68.